

O aforismo no romance *Les Soleils des Indépendances* como processo de (des)construção estética

Benvinda Caldeira Lavrador¹

Resumo: O ensaio analisa as inter-relações da escrita literária no romance *Les soleils des indépendances*, do marfinense Ahmadou Kourouma, com a *praxis* linguístico-cultural do povo *malinké*. No discurso literário encontraremos uma sinergia entre aforismo tradicional e inovação estético-literária, entre pensamento colectivo (o da comunidade) e individual (o do autor). Mas, a linguagem aforística na ficção não apresenta apenas *interfaces* antropológico-sociais e políticas mas também linguístico-literárias. De fato, num país em efervescência pós-independentista, em que a literatura se torna o ponto de convergência (ou divergência?) entre ruptura e reconstrução, o aforismo ultrapassa os limites do convencional e se transforma num novo processo textual de sátira social, de contrapoder e de contraliteratura.

Palavras-chave: Aforismo. Malinké. Les soleils des indépendances. Ahmadou Kourouma. Costa do Marfim.

“A linguagem nunca é inocente: as palavras têm uma memória segunda que se prolonga misteriosamente no meio de significações novas.” (BARTHES, 1984, p. 22).

¹ Doutora em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Coimbra e Docente na Universidade de Abidjan, Costa do Marfim. Email: flavrador@gmail.com.

Introdução

A leitura polissêmica do texto literário permite aos estudos comparados descobrir relações originais entre literatura e praxis cultural. Vejam-se, a este propósito, as pesquisas de Stuart Hall, que analisa o modo como o quotidiano, as visões do mundo e as identidades dos povos sobressaem no discurso literário fazendo deste um elemento crucial para os estudos culturais. De fato, o autor considera fundamental “pensar as questões da cultura através das metáforas da linguagem e da textualidade” (HALL, 1996, p. 271). No caso da literatura pós-colonial africana, a reconstrução das identidades das novas nações, anteriormente subjugadas pelo peso da dominação europeia, passou pela recriação no discurso ficcional das práticas socioculturais e linguísticas das comunidades autóctones, instaurando-se um diálogo *sui generis* do texto literário com a oratura africana. Nesta teia interdiscursiva, o pensamento aforístico de povos seculares, até então obliterados, surge como forma de desafio à hegemonia política europeia e ao cânone literário ocidental. Assim, o aforismo passa a ser usado na ficção não como mera colagem (pastiche), mas como um intertexto capaz de revolucionar o processo de produção textual instituindo outros modos de interpretar o mundo a que se associam novas vias de diálogo intercultural. Veja-se o caso do romance *Les soleils des indépendances*, do autor africano Ahmadou Kourouma (Costa do Marfim), que se apresenta como um caso paradigmático de transgressão linguístico-literária. De fato, fazendo sua voz do povo malinké, de onde é originário, o autor institui no cânone literário uma polifonia de vozes em que se entrelaçam valores linguístico-culturais colectivos e criação individual, desconstruções estéticas e reconstruções figurativo-identitárias.

Sobejamente conhecido e premiado no mundo francófono pela sua copiosa obra, Ahmadou Kourouma nasceu em 1927, no noroeste da Costa do Marfim (arredores de Boundiali). Criado no seio de uma célebre família de chefes tradicionais (o seu nome significa “guerreiro”), passou também uma parte da infância na Guiné-Conakry, em Togobala, espaço evocado em *Les soleils des indépendances*. Inicialmente rejeitada pelas editoras parisienses, esta sua

primeira obra foi publicada, finalmente, em 1968, pela editora da Universidade de Montréal acabando por ganhar o prémio “La Francité”, atribuído pela mesma. Rapidamente se tornou um best-seller da literatura africana, tendo conquistado em 1969 o Grande Prémio Literário da África Negra de Expressão Francesa e, em 1970, o prémio Maille Latour Landry da Academia Francesa. Traduzido, entre outras línguas, em iugoslavo, polonês e inglês, faz parte atualmente dos currícula em inúmeras universidades não só nacionais mas também internacionais.

Publicado logo após a independência da Costa do Marfim², o livro dá testemunho de uma época fulcral para a história de África e da humanidade (a do nascimento das novas nações). No entanto, retratando as incoerências de uma tão almejada sociedade independente, “La Côte des Ébènes” (possivelmente uma réplica da Côte d’Ivoire), o livro reflecte a profunda desilusão daqueles que, lutando contra os sóis da colonização, apenas obtiveram um sol de outono que teima em se esconder. De fato, o herói, Fama Doumboya, é um antigo príncipe da etnia Malinké (Fama significa príncipe e Doumbouya é um apelido patronímico nobre) que, com o advento da independência do seu país, ficou sem trono, pobre e analfabeto. Já não sendo reconhecido pelo seu estatuto real, nem tão pouco respeitado, é então obrigado a vagar de funeral em funeral para sobreviver, uma vez que nas cerimónias fúnebres da etnia malinké os familiares do defunto têm o hábito de distribuir esmolas à assistência (sobretudo pecuniárias). Esta situação é pretexto para o delinear de um quadro existencial trágico em que o narrador nos dá conta da crise pós-colonial vivida pelas populações africanas face às mutações trazidas pela ocidentalização das culturas autóctones. De fato, abaladas nos seus fundamentos organizacionais, as sociedades ancestrais já não são dirigidas pelo prestigiado chefe idoso, geralmente de ascendência real, que deveria garantir a continuidade da colectividade e assegurar a sua coesão, mas por “escravos que se tornaram mestres”. Por isso, na sua comunidade de origem, o último descendente da dinastia Doumbouya, legítimo herdeiro do trono na aldeia de Horodougou, constata com amargura que, dissolvidas as instituições tradicionais,

² A independência da Costa do Marfim é proclamada em 1960 tornando-se Felix Houphouet Boigny o seu primeiro presidente

os costumes já não são respeitados e a comunidade progressivamente se desagrega. A perda de referências identitárias desencadeia nas populações colonizadas uma crise existencial sem precedentes³. O homem africano, atingido no seu âmago, procura, então, nos sóis da independência a felicidade prometida.

Mas, ao invés, a nova sociedade independentista, em que vive Fama Doumbouya, protagonista de *Les soleils des indépendances*, rapidamente se transforma num mundo às avessas onde abundam a corrupção e as assimetrias de uma ordem caótica. De fato, na recém criada “République des Ébènes”, após a celebração da revolução (Fama militou na luta anti-colonial), surge a desilusão face aos abusos de poder e à ditadura do partido único. Constatando amargamente que o seu país independente está minado de conflitos, pobreza, fome e epidemias, devido às incongruências dos dirigentes autocráticos, o protagonista consubstancia o mal-estar do homem africano em choque com a realidade circundante e consigo mesmo. Até asua província natal, Horodougou, fora dividida por uma fronteira artificial que criou dois estados: “la République des Ébènes” e “la république de Nikinaï”. Por isso, o protagonista é considerado como estrangeiro na própria terra, vendo-se impedido de circular sem bilhete de identidade. O absurdo desta situação é tanto mais notório se tivermos em conta que ele é alvejado ao tentar atravessar a fronteira, desafiando, assim, as novas autoridades com as quais não se identifica. O seu espaço tradicional agora desmembrado torna-se, então, uma alegoria desse novo mundo às avessas.

Portanto, as mutações culturais e político-sociais inerentes ao nascimento da nova nação são acompanhadas de uma inversão de valores, pois o humanismo, a solidariedade e a justiça não fazem mais sentido nesta sociedade contaminada pela ambição, pela mentira e pelo roubo. Por isso, frustrado e sem esperança no futuro, Fama considera que, depois de ter sido desvirtuado pelo colonizador, foi traído pelos seus conterrâneos cujas promessas de uma vida melhor não passaram de mera ilusão. Esta angústia existencial do herói romanesco face à utopia de um sol duradouro augurava, desde logo, o futuro sombrio da terra africana em busca das próprias raízes.

³ Frantz Fanon, no seu livro *Les damnés de la terre*, observa que o indivíduo colonizado passa repentinamente do jugo colonial para uma emancipação conturbada, caindo num vazio de tábua rasa.

É este mesmo romance que, ao retratar o desmoronar de uma comunidade tradicional malinké, não hesita em recriar o seu mundo ancestral, convocando para a cena universal a voz de um povo, longo tempo subestimado, cujo pensamento aforístico esconde uma mundivisão *sui generis*. De fato, com o intuito de fazer da tradição uma ponte para a modernidade, o escritor desvenda o admirável patrimônio oral desta etnia através dos seus aforismos reveladores da diversidade e da multiculturalidade africanas. Contudo, a intromissão da linguagem popular no discurso literário confere à ficção não só uma dimensão socioantropológica, mas também político-ideológica.

1 A cultura *malinké*: uma leitura do mundo entre(ditos) e inter(ditos)

Nas rotas da África ocidental, descobrimos um povo secular cuja origem remonta ao ancestral império do Mali, também chamado Mandinga: o da etnia Malinké. O grande grupo dos Mandingas ocupou, dos séculos XIII a XVII, uma área mais vasta que a da Europa ocidental: estendia-se desde o atual Mali até o Senegal passando pela Mauritânia, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné-Conakry e Niger. Incluindo várias etnias, entre elas a Malinké, os Mandingas orgulhavam-se de ser descendentes de um guerreiro lendário: Soundjata Keita. Este teria tido um percurso invulgar: filho bastardo do rei Naré Faghaman (1218-1230) e único herdeiro, dado que os seus onze irmãos foram executados, esteve inválido até os sete anos. Um dia, porém, curado miraculosamente, tornou-se um guerreiro intrépido dotado de poderes sobrenaturais (KI-ZERBO, 1999, p. 166-170). A sua história foi incessantemente celebrada por poetas, alguns dos quais escreveram verdadeiras epopeias em torno deste herói comparado a um leão⁴.

A civilização mandinga ficou famosa pelas suas esplendorosas dinastias, línguas, costumes, realizações artísticas e estruturas económico-sociais. Entre os povos que constituíam o grupo mandinga contam-se os Malinké, comerciantes originários do Alto Niger, pertencentes ao grupo linguístico Mandé, tal como os Dioula e os Bam-

⁴ Vide, por exemplo, de NIANE, 1960; de GBAGBO, 1979.

bara. Atualmente, encontram-se cerca de 15 milhões de habitantes da etnia Malinké na África ocidental, divididos não só pelo Mali, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné-Conakry, mas também pelo Burkina Faso, Serra Leoa, Liberia, Gana e Costa do Marfim. Neste último país da África francófona, limitado a norte pelo Mali e pelo Burkina Faso, a oeste pela Guiné-Conakry e pela Libéria e a este pelo Gana, a etnia Malinké, uma das cerca de sessenta que compõem o seu mosaico demográfico, representa cerca de 8,5 % de uma população de quase 16 milhões. Maioritariamente localizado no noroeste do país, de tradição islâmica, este grupo étnico caracteriza-se por uma organização social fortemente hierarquizada, pelo patriarcado e pela poligamia. Dos seus valores culturais sobressaem o artesanato, os instrumentos musicais, os hábitos gastronómicos e a indumentária.

O aforismo, essencial na oratura malinké, reflecte o carácter intrinsecamente oral desta cultura baseada em entreditos, mas também em interditos. De fato, a língua malinké constrói-se essencialmente a partir de imagens e símbolos. Segundo Makhily Gassama, para os falantes nativos desta etnia a imagem varia, diversifica-se e expande-se como um pó mágico em relação a todos os seres (humanos, animais e vegetais) e actividades humanas: “l’image varie, se diversifie, se répand, telle une poudre magique sur tous les êtres, sur toutes les activités humaines, animales et végétales” (GASSAMA, 1995, p. 68).

O indivíduo malinké chega mesmo a metamorfosear o mundo pelo poder da palavra imagética: pode humanizar os seres vegetais e animais bem como animalizar os homens. Gusine Gawdat Osman afirma que a imagem, principal veículo do pensamento nas línguas africanas, possui várias dimensões: sugere, explica, educa e tem mesmo um poder secreto, o de realizar coisas fazendo-as existir⁵. A criação literária torna-se, assim, o veículo privilegiado de um imaginário que urge conhecer para nele se descobrirem outras identidades, tão distantes quanto próximas.

Contudo, entre o explícito e o implícito, existe uma outra fronteira: a do interdito. Condicionada por uma intensa religiosi-

⁵ “L’image qui est donc en même temps symbole, possède plusieurs dimensions: d’abord elle suggère la chose par des analogies frappantes ébranlant par là tout le psychisme humain; ensuite elle explique l’univers à partir de correspondance et de signes, enfin elle éduque [...]; enfin et surtout elle réalise la chose par le pouvoir du Nommo sacré, par suite participe à son existence à tous les niveaux ontologiques et émotionnels.” (OSMAN, 1978, p. 88).

dade, de origem clânica e extremamente hierarquizada, a sociedade malinké desdobra-se em entreditos e interditos que fazem dela uma organização quase secreta, não acessível a neófitos. A dimensão totêmica da vida humana, associada ao mundo animal, vegetal e animal, impõe barreiras ao homem. Por conseguinte, o não respeito às leis naturais, a ruptura com o interdito e com o totem trazem a desgraça⁶.

Fiel intérprete da cultura malinké, o escritor ousa, no entanto, violar o interdito criando associações inesperadas, subvertendo ideias feitas, introduzindo novas concepções ou desdizendo acepções comuns. Se na cultura tradicional, a coletividade e o indivíduo se fundem numa única entidade, o escritor, por seu lado, inverte a ordem das coisas manifestando o seu génio e a sua ideologia (“doxa”). Por isso, a sua linguagem é subversiva, os desvios sintáticos e lexicais são constantes, as imagens insólitas, a sua sensibilidade estranha. Nesta sua viagem hors norme, o escritor, simultaneamente intérprete do imaginário malinké e criador do seu próprio mundo, deixa, finalmente, ao leitor, perplexo ou contrariado, mas nunca indiferente, a liberdade de encontrar os significados últimos da sua escrita aforística que se desenvolve à base de entreditos e interditos, uma vez que a linguagem usada, altamente imagética e simbólica, oscila entre o dito e o não dito, entre o assumido e o sugerido, entre o explícito e o implícito, entre o socialmente aceite e o anticonvencional.

Um novo modo de fazer sentido se institui então, na narrativa africana, quando sob a influência da literatura oral, *Les soleils des indépendances* transtorna os cânones literários ocidentais construindo um novo processo de produção textual baseado no hibridismo genérico de um discurso ficcional que oscila entre narração e lirismo, lenda e realidade.

⁶ Também o narrador de *Les soleils des indépendances* considera que a colonização e todos os males a ela associados advieram do não respeito pelo interdito e pelo totem (“La colonisation, les maladies, les famines, même les Indépendances ne tombent que ceux qui ont leur ni (l’âme), leur dja (le double) vidés et affaiblis par les ruptures d’interdit et de totem”, p. 113).

2 O aforismo como processo de criação estética na fronteira entre o social e o político

A representação da nova identidade cultural do povo malinké através do seu pensamento proverbial e a ruptura operada pela ideologia do autor fazem do universo romanesco de *Les soleils des indépendances* um espaço de convivência original entre o socialmente aceitável e a transgressão individual. O processo de criação textual se define, pois, na fronteira entre os elementos coletivos do patrimônio natural e cultural da terra africana, do cotidiano e da filosofia do homem negro, amplamente integrados no discurso, e os valores do autor assentes na transgressão e na provocação do socialmente aceite e do politicamente instituído. O estilo se tece assim com base numa rede de aforismos, que, pelo seu caráter reflexivo, invocatório, poético, insólito, enigmático ou mesmo polêmico, conferem ao texto um ecletismo formal inovador.

Usado desde os escritores gregos pré-socráticos, o aforismo é “uma sentença concisa, fácil de memorizar”, segundo o dicionário de termos literários⁷. Mas, como bem diz Manuel Pinto, “o que interessa no aforismo, justamente não é a verdade revelada, mas a forma como ela abala as certezas estabelecidas e nos convida a olhar as coisas sob ângulos inusitados” (PINTO, 2008 apud LUCENA, s.d.). De fato, em *Les soleils des indépendances*, a dimensão física e espiritual do aforismo que expressa não só o cotidiano do homem africano, mas também a sua filosofia, não impede o autor de recriar uma rede de significações insólitas que advém da sua ideologia de ruptura assente numa vontade assumida de inovação e de recriação, mas sobretudo de desafio a estereótipos estético-ideológicos.

O intertexto⁸ se compõe, assim, de inúmeros aforismos reveladores da filosofia de vida do povo malinké, como, por exemplo: o mestre é dono do escravo, mas não dos seus sonhos (“l’esclave appartient à son maître, mais le maître des rêves de l’esclave est l’esclave

⁷ MOISÉS, 1979.

⁸ Sobre a intertextualidade, noção fundamental para a literatura comparada, consultaram-se, entre outros: Kristeva, *Séméiotikè, Recherches pour une sémanalyse*; Kristeva, *Le texte du roman*; Genette, *Palimpsestes, la littérature au second degré*; Bakhtine, *La poétique de Dostoievski*; Bakhtine, *Esthétique et théorie du roman*; Bloom, *A angústia da influência. Uma teoria da poesia*; Goldmann, *Pour une sociologie du roman*.

seul”, p. 166); a união faz a força (“un seul pied ne trace pas un sentier; et un seul doigt ne peut pas ramasser un petit gravier par terre”, p. 174); a mais bela harmonia não é a dos tambores ou a dos xilofones nem sequer a dos trompetes mas a dos homens (“la plus belle harmonie ce n’est ni l’accord des tambours, ni l’accord des xylophones, ni l’accord des trompettes, c’est l’accord des hommes”, p. 174); a discórdia arruina rapidamente até um grande país (“si grand que soit le pays où règne la discorde, sa ruine est l’affaire d’un jour”, p. 174).

De confissão muçulmana, o povo malinké revela através dos seus ditos, uma arraigada fé num Deus criador e todo poderoso (Allah). Assim, a crença na divindade está também onipresente no discurso romanesco: Deus é que predestina o homem (“Allah a figé des sorts définitivement”, p. 76), e o destino pode ser pesado como uma montanha (“un destin lourd comme une montagne”, p. 117). O poder de Allah é ilimitado, pois só Ele pode dar ou tirar a vida (“la vie est au pouvoir d’Allah seul”, p. 10) e fazer milagres (“le miracle appartient à Allah seul”, p. 26).

Mas, o homem africano também é profundamente animista: a terra africana, sua fauna e flora inspiram-lhe numerosos aforismos. Há uma simbiose homem/terra em que aquele projeta na natureza os seus anseios mais íntimos, como o de verdade ou de felicidade que surgem, por exemplo, associados à lua: uma verdade clara é como a lua cheia (“une vérité nette comme une lune pleine” (p. 169) e aquelas que sonham com a lua acabam por encontrar no seu caminho a felicidade - “rêvent toujours de lune ceux qui ont sur leur chemin [...] le grand bohneur” (p. 195). A incerteza do futuro é representada pelos fins de tarde do harmatão (estação seca) – “cette exhalaison des derniers restes des journées d’harmattan [...] vous jettent dans [...] des incertitudes de l’avenir” (p. 118).

A natureza ensina o homem e toma parte no seu destino: os ventos inspiram até os sábios - “les vents même nourrissent les hommes de connaissances” (p. 154); se o búfalo salta, o filho não deve rastejar - “le bubale ne bondit pas pour que son rejeton rampe” (p. 73); não se põem pássaros juntos quando se quer evitar o barulho - “on ne rassemble pas des oiseaux quand on craint le bruit des ailes”

(p. 153); até a vespa e o sapo se podem tolerar - “même la guêpe maçonnerie et le crapaud finissent par se tolérer quand on les enferme dans une même case” (p. 153); onde o amor-de-hortelão destrói não é lugar aonde se deva ir (devem-se evitar lugares perigosos) - “là où les graterons percent la coque des oeufs de pintade, ce n’est pas un lieu où le mouton à laine peut aller” (p.168).Igualmente o corpo humano dá lições aos homens: a rapidez da língua leva-nos a sítios donde nem a agilidade dos pés nos pode tirar - “la rapidité de la langue nous jette dans de mauvais pas d’où l’agilité des pieds ne peut nous retirer” (p. 22), as pupilas podem ser feridas por uma verdade dura mas não desaparecem - “la vérité il faut la dire, aussi dure qu’elle soit car elle rougit les pupilles mais ne les casse pas” (p. 16).

A mulher também está presente em vários aforismos que remetem para a maternidade como um valor supremo na cultura africana: a maternidade vale mais que ricas joias - “l’enfant, la maternité [...] sont plus que les riches parures” (p. 52); nada deve afastar um homem de uma mulher fecunda - “rien ne doit détourner un homme sur la piste de la femme féconde” (p. 130). Por conseguinte, a esterilidade é vista como uma fatalidade e à mulher estéril falta mais de metade da feminilidade - “à la femme sans maternité manque plus que la moitié de la féminité” (p. 52).

Mas para além de desvendar os valores da terra e da cultura africana, os aforismos permitem ao autor fazer da criação literária um meio de combate político na época conturbada da pós-independência da Costa do Marfim. De fato, através de sentenças simbólicas e/ou alegóricas, o autor critica o exercício do poder como apanágio de ditadores, terreno de injustiças. As imagens são inéditas e a linguagem insólita, tornando-se a produção textual o lugar privilegiado da provocação e da intervenção: na política não há olhos, nem ouvidos, nem coração - “la politique n’a ni yeux, ni oreilles, ni coeur” (p. 157); o poder ilegítimo é efêmero e portador de desgraça - “celui qu’on acquiert par l’ingratitude, la ruse, est illégitime et éphémère et ce pouvoir se meurt dans le plus grand malheur (p. 99); o tirano é como o sol, único e onipresente mestre do universo - “seul maître et omniprésent, le soleil” (p. 51);o mesmo “pagne” (tecido multicolor) serve para cobrir a verdade e a mentira na política - “en politique le

vrai et le mensonge portent le même pagne” (p. 157).

As assimetrias socioculturais e políticas da sociedade marfinense no limiar da independência levam o autor a criar certos aforismos relativos ao partido único e aos novos tenentes do poder que, tendo substituído os colonizadores, continuam a explorar o povo e a enriquecer ilegalmente com o apoio das potências europeias: o partido único é semelhante a uma sociedade de bruxas em que as iniciadas adultas devoram os filhos das outras – “le parti unique ressemble à une société de sorcières, les grandes initiées dévorent les enfants des autres” (p. 24); a colonização e as independências são irmãs – “la colonisation [...], les Indépendances, sont exactement des enfants de la même couche” (p. 132); as independências invadiram a África como um bando de gafanhotos – “comme une nuée de sauterelles les Indépendances tombèrent sur l’Afrique” (p. 24); as leis das independências são tão confusas e complexas como o órgão sexual de um pato – “les lois [...] des indépendances étaient [...] aussi complexes et mélangés que le sexe d’un canard” (p. 189); os negros comem as patas e os brancos a carne – “les Noirs tiennent les pattes; les Blancs découpent et bouffent la viande” (p. 20). Desencantado, mas interventivo, o escritor usa também a escrita aforística para militar em favor da justiça e da igualdade sociais: a justiça é melhor que a riqueza – “la droiture est plus que la richesse” (p. 60); o humanismo e a fraternidade devem estar sempre em primeiro lugar – “l’humanisme et la fraternité sont avant tout dans la vie des hommes” (p. 134). Outros aforismos, com valor satírico e/ou irônico, permitem-lhe desmistificar certos aspectos da vida religiosa malinké, chegando mesmo à irreverência: Deus dá brincos de ouro a quem não tem orelhas para os usar – “l’or ne se ramasse que par celles qui n’ont pas d’oreilles solides pour porter de pesantes boucles” (p. 54); nenhuma oração pode alegrar um homem vazio – “aucune prière ne peut ragaillardir un vidé” (p. 30); quando as infelicidades são muitas, Deus acaba por ficar indiferente – “beaucoup de malheurs, et Allah s’excède de les [les malinkés] guérir, de les soulager” (p. 112); todas as infelicidades são obra de Deus – “il n’y a pas de malheur qui ne soit pas son [d’Allah] œuvre” (p. 63); nem sempre Deus se apieda da infelicidade – “où a-t-on vu Allah s’apitoyer sur un malheur?” (p. 58).

Por vezes critica a hipocrisia social do seu próprio povo: os malinkés são inconstantes - “le Malinké ne reste jamais sur une seule rive” (p. 132); são manhosos: têm o interior mais negro que a pele, mas as suas falas são mais brancas que os dentes - “les Malinkés ont la duplicité parce qu’ils ont l’intérieur plus noir que leur peau et les dires plus blancs que leurs dents.” (p. 105); fazem muitas maldades e Deus cansa-se de satisfazer as suas más intenções - “les Malinkés ont beaucoup de méchancetés et Allah se fatigue d’assouvir leur malveillance” (p. 112). Ao mesmo tempo, vai moralizando com certas comparações insólitas criadas, por exemplo, a partir da imagética animal: um rapaz mal-educado assemelha-se a um bode de barbicha - “un garçonnet [...], impoli comme la barbiche d’un bouc” (p. 23); os teimosos são como as cabras: só depois de se gritar várias vezes é que elas entram no curral - “c’est en criant plusieurs fois [...] aux chèvres: “entre! entre! entre!””, qu’elles finissent par rentrer” (p. 153).

Portanto, através da linguagem aforística, o autor dá voz à cultura da etnia malinké, em que a imagem suplanta a palavra, não deixando, no entanto, de lançar sobre ela um olhar crítico e moralista. Simultaneamente, fustiga as incoerências da época conturbada da pós-independência africana onde, sob a tutela de um partido único, escasseia a liberdade de expressão. Para ele, a verdade assemelha-se à malagueta: arde mas não mata - “La vérité comme le piment mûr rougit les yeux mais ne les crève pas” (p. 76). A produção textual fornece, assim, uma outra interpretação do mundo: a natureza e a vida humana, nas suas mais variadas dimensões, têm sentidos implícitos que a linguagem literária pode recriar. Como afirmam Fiorin e Savioli, “um dos aspectos mais intrigantes da leitura de um texto é a verificação de que ele pode dizer coisas que parece não estar dizendo. Além das informações, explicitamente, enunciadas, existem outras que ficam subentendidas ou pressupostas” (FIORIN, SAVIOLI, 2001).

O texto é, pois, enigmático, transcendente e híbrido. De fato, a literatura africana pós-colonial forja-se a partir de um conjunto de influências entre as quais sobressai um discurso popular profundamente enraizado no pensamento mítico-simbólico das comunidades ancestrais. Através de aforismos, o discurso literário dá testemunho

do cotidiano do homem africano convocando para a ficção imagens fortes da multiculturalidade africana que fazem do texto uma produção translinguística⁹, tal como postulado por Kristeva, ao mesmo tempo em que denuncia as assimetrias socioculturais e políticas da sociedade marfinense no limiar da independência. Desencantado, mas interventivo, o escritor usa a ficção literária para militar em favor da justiça e da igualdade sociais criando aforismos com pendor irônico-satírico. De fato, retratando de forma alegórica as incoerências de uma época conturbada em que não há liberdade de expressão nem respeito pelos direitos humanos, o escritor assume-se como o oráculo dos esquecidos pelos tenentes do poder, dos pobres e explorados, aliando a voz do povo à luta pela democracia. No entanto, para além de fazer a apologia de valores coletivos e universais, o autor lança também um olhar crítico original sobre a personalidade do seu próprio povo de etnia malinké, dando livre curso a uma escrita de transgressão e sutil provocação.

Conclusão

Os valores culturais que fundam a identidade negro-africana são transmitidos de geração em geração pelas pessoas idosas, depositárias de um patrimônio histórico invejável. Amadou Hampaté Bâ, sábio do Mali, sintetizou de modo exemplar esta realidade na célebre frase pronunciada, em 1962, quando de um discurso feito à UNESCO: “En Afrique, chaque fois qu’un vieillard meurt, c’est une bibliothèque qui brûle”.

Ahmadou Kourouma usa a ficção para imortalizar as palavras da sabedoria africana, os ditos malinkés, como uma forma de identidade homem/terra. Mas, entre coletividade e indivíduo há, muitas vezes, um conflito latente, pois a vontade comunitária, consubstanciada na pessoa do chefe, prevalece sobre a individual. O escritor, dividido entre a fidelidade aos valores culturais e político-sociais da sua comunidade e a assunção de uma postura subversiva, revela o seu gênio através de uma nova forma de escrita em que os aforismos se

⁹ Segundo Kristeva, o texto é “un appareil translinguistique qui redistribue l’ordre de la langue, en mettant en relation une parole communicative visant l’information directe, avec différents types d’énoncés antérieures ou synchroniques” (KRISTEVA, 1969, p. 52 ; 1970, p. 12).

revelam um recurso estético capaz de fornecer outras visões do mundo e outros modos de produção textual. De fato, se por um lado, o dito popular permite eternizar a cultura malinké, baseada em entreditos, por outro lado, serve também a intenção crítica do autor que o usa como recurso satírico-didático. Desencantado, mas interventivo, realista e moralista, Ahmadou Kourouma, com o romance *Les soleils des indépendances*, afirma-se, assim, como o expoente máximo de uma linguagem literária aforística. Assim, na encruzilhada entre o mundo original malinké, que se desagrega, e uma nova ordem caótica, que se instala, o autor procura, com firmeza, na voz da África tradicional a inspiração para uma escrita *hors norme* que questiona não só estereótipos político-sociais como também estético-literários, abrindo, ainda hoje, caminhos por desbravar à literatura comparada.

Résumé: L'essai porte sur les rapports entre texte littéraire et culture en ce qui concerne le cas particulier du roman *Les soleils des indépendances*, de l'ivoirien Ahmadou Kourouma. Dans cet œuvre on note une synergie entre une écriture littéraire et un langage populaire, entre pensée collective (celle du peuple malinké) et individuelle (celle de l'auteur). Mais le texte littéraire présente une interface aussi bien linguistique, anthropologique et sociologique que politique car dans la période post indépendance, l'écrivain crée une nouvelle forme d'expression littéraire en utilisant le proverbe comme moyen original de se faire entendre par le peuple et en même temps par le pouvoir.

Mots-clés: Proverbe. Malinké. *Les soleils des indépendances*. Côte d'Ivoire.

Referências

ALBERT, Christiane. (Direction). *Francophonie et identités culturelles*. Paris: Karthala, 1999.

BÂ, Amadou Hampaté. *Aspects de la civilisation africaine*. Paris: Présence Africaine, 1972.

BAKHTINE, Mikhail. *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 1978.

_____. *La poétique de Dostoievski*. Paris: Seuil, 1970.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Lisboa: Edições. 70, 1984.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência*. Uma teoria da poesia. Lisboa: Cotovia, 1991.

FANON, Frantz. *Les damnés de la terre*. Paris: François Maspero, 1975.

FIORIN, José; SAVIOLI, Francisco. *Para entender o texto*. Leitura e Redação. 16. ed. São Paulo: Ática, 2001.

GASSAMA, Makhily. *La langue d'Ahmadou Kourouma*. Karthala et ACCT, 1995.

GBAGBO, Laurent. *Soundjata lion du Manding*, Abidjan: CEDA, 1979.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes, la littérature au second degré*. Paris: Seuil, coll. Poétique, 1982.

GOLDMANN, Lucien. *Pour une sociologie du roman*. Paris: Gallimard, 1964.

HALL, Stuart. Cultural studies and its theoretical legacies. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing, (Eds). *Stuart Hall - critical dialogues in cultural studies*. London, New York: Routledge, 1996.

GASSAMA, Makhily. *La langue d'Ahmadou Kourouma*. Karthala et ACCT, 1995.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África negra*. 2v. 3. ed. Europa-América: Mem Martins, 1999.

KONÉ, Amadou. *Du récit oral au roman*. Abidjan: CEDA, 1985.

KOUROUMA, Ahmadou. *Les soleils des indépendances*. Paris: Éditions du Seuil. 1970.

KRISTEVA, Julia. *Le texte du roman*. Mouton Publishers, The Hague, 1970.

KRISTEVA, Julia. *Séméiotikè, Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969.

LUCENA, Ana Luísa. *Aforismo na obra de Machado de Assis: uma análise em A igreja do diabo*. s.d. In: NETSABER. Disponível em: <<http://artigos.netsaber.com.br>>.

M'LANHORO, Joseph. (Collection dirigé par). *Essai sur les soleils des indépendances*. Abidjan: NEA, collection la girafe, 1977.

MAKOUTO-MBOUKOU. J. P. *Introduction à l'étude du roman négro-africain de langue française*. Abidjan: NEA, 1980.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

MOURALIS, Bernard. Individu et collectivité dans le roman négro-africain d'expression française. In: ANNALES DE L'UNIVERSITE D'ABIDJAN. Abidjan: série D, Lettres, 1969.

NDAW, Alassane. *La pensée africaine*. Dakar: NEA, 1983.

NIANE, Djibril Tamsir. *Soundjata ou l'épopée mandingue*, Paris: Présence Africaine, 1960.

NKASHAMA, Ngandu Pius. *Kourouma et le mythe*. Paris: Éditions Silex, 1985.

OSMAN, Gusine Gawdat. *L'Afrique dans l'univers poétique de Léopold Sédar Senghor*. Dakar-Abidjan-Lomé: N.E.A., 1978.

PAULME, Denise. *As civilizações africanas*. 2. ed. Lisboa: Europa América, s.d.

ZAHAN, Dominique. *La dialectique du verbe chez les Bambara*. Paris: Mouton et Co, La Haye, 1963.

